

## ENCARTE DIGITAL

# Variáveis Individuais, Sociais e do Ambiente Físico em Residências Universitárias

Zenith Nara Costa Delabrida

*Universidade Federal de Sergipe  
Aracaju, SE, Brasil*

### RESUMO

O presente trabalho trata de um ambiente residencial, moradias coletivas universitárias, na modalidade residências universitárias. A sua importância tem aumentado nos últimos anos, principalmente por causa das novas políticas públicas de acesso ao ensino superior público. O objetivo geral foi investigar variáveis individuais, sociais e do ambiente físico em residências universitárias a fim de fornecer subsídios na implementação e avaliação desse tipo de programa de assistência estudantil. Foram utilizados os conceitos de identidade social, apropriação do espaço, dilema dos comuns e mapa cognitivo. Os resultados mostram que os participantes não se veem pertencendo ao grupo dos residentes universitários, não percebem a residência como sua casa, têm dificuldades em cumprir as tarefas da casa e regras. A sala parece ser o espaço da residência mais importante por ser associado a conflitos interpessoais e a momentos agradáveis. Discute-se a implicação desses achados para o entendimento da dinâmica de funcionamento das residências universitárias e a formação universitária.

**Palavras-chave:** Identidade social; apropriação do espaço; mapa do conflito; dilema dos comuns; mobilidade residencial.

### ABSTRACT

#### *Individual, Social and Physical Environmental Variables in University Residences*

This paper deals with a residential environment, university collective housing in university residences mode. Its importance has increased in recent years, mainly because of new public policies on access to public higher education. The overall objective was to investigate individual, social and physical environment variables in university residences to provide subsidies in the implementation and evaluation of this type of student assistance program. The concepts of social identity, appropriation of space, dilemma of commons and cognitive map were used. The results show that participants did not see themselves belonging to university residents group, they do not perceive the residence as their home and have difficulty performing household chores and following the house rules. The living room seems to be the most important area of residence for being associated with interpersonal conflicts and pleasant moments. We discuss the implications of these findings to understanding the dynamic operation of the residence halls and university education.

**Keywords:** Social identity; appropriation of space; conflict map; the common dilemma; residential mobility.

### RESUMEN

#### *Variables Individuales, Sociales y del Entorno Físico en Residencias Universitarias*

En este trabajo se trata de un ambiente residencial, vivienda colectiva universitaria, en el modo de residencias universitarias. Su importancia ha aumentado en los últimos años, principalmente debido a las nuevas políticas públicas en materia de acceso a la educación superior pública. El objetivo general fue investigar las variables individual, social y del entorno físico en residencias universitarias para proporcionar datos en la ejecución y evaluación de este tipo de programa de asistencia estudiantil. Se utilizaron los conceptos de identidad social, apropiación del espacio, dilema de los comunes y mapa cognitivo. Los resultados muestran que los participantes no se perciben al grupo de los residentes universitarios, no vieron la vivienda colectiva como su casa, tienen dificultades para cumplir con las tareas y las reglas. La sala de estar parece ser el área más importante de la residencia que se asocia con los conflictos interpersonales y momentos agradables. Se discuten las implicaciones de estos hallazgos para comprender la dinámica de la operación de las residencias universitarias y la educación universitaria.

**Palabras clave:** Identidad social; apropiación del espacio; mapa del conflicto; dilema de los comunes; la movilidad residencial.



## INTRODUÇÃO

Ambientes residenciais são considerados importantes na determinação da qualidade de vida e bem-estar (Gifford, 2014; Lawless, 2012; Oishi, 2010). Seus impactos são tanto individuais quanto coletivos. Por exemplo, muitas escolhas de engajamento em comportamentos pró-ambientais acontecem em casa e afetam toda a comunidade (Gifford, 2014). Dessa forma, o ambiente residencial não é apenas um invólucro neutro, mas claramente exerce influência nos indivíduos e igualmente é modificado pelos mesmos. A literatura associa o bem-estar à qualidade do ambiente residencial (Amole, 2008; Campbell, 1998; Gregoricka, 2013; Lawless, 2012; Oishi, 2010).

O presente trabalho trata de um ambiente residencial, as moradias coletivas universitárias, na modalidade residências universitárias. Essas residências são a moradia de muitos universitários durante a graduação e, muitas vezes, igualmente durante a pós-graduação. A importância das residências universitárias tem aumentado nos últimos anos, principalmente por causa das novas políticas públicas de acesso ao ensino superior. Nesta década de 2010, as universidades estão gradativamente migrando para um novo sistema de seleção em alternativa ao sistema conhecido como vestibular. Com base na Portaria Normativa nº 2, de 26 de janeiro de 2010, o governo federal brasileiro, por meio do Ministério da Educação, instituiu e regulamentou o Sistema de Seleção Unificada – SISU (Brasil, 2010b). A seleção e classificação dos estudantes passam a ser unificadas, para as universidades participantes, com base na nota do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio).

De acordo com essa nova política, onde o estudante irá estudar é decidido com base na sua classificação geral no ENEM e, dada a proporção continental do território brasileiro, é provável que o mesmo vá estudar em outra cidade ou estado distante da sua cidade de origem. A possibilidade de uma maior mobilidade geográfica dos estudantes em função do SISU torna os programas de apoio ao estudante de fundamental importância no sucesso desse novo sistema de seleção para aqueles que não puderem se sustentar longe de suas famílias. Como o Brasil ainda é um país com grande concentração de renda, essa é uma realidade para muitos estudantes.

Dado seu papel no acesso ao ensino superior e impacto no desenvolvimento dos estudantes, a literatura sugere que as residências universitárias sejam entendidas como espaço um espaço educacional (Garrido & Mercuri, 2013) que influencia o desenvolvimento, a construção da identidade, o

bem-estar, as escolhas futuras e, fundamentalmente, a persistência no ensino superior (Cicognani, Menezes, & Nata, 2010; Hernando, Nunes, Cruz Torres, Lemos, & Valadas, 2013; Lawless, 2012; Loeb, 2014). Dessa forma, o objetivo geral do presente trabalho foi investigar variáveis individuais, sociais e do ambiente físico em residências universitárias a fim de fornecer subsídios na implementação e avaliação desse tipo de programa de assistência estudantil.

O Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), ao qual os programas de assistência estudantil das universidades públicas federais é vinculado, prevê que esses programas sejam avaliados para identificar se estão atingindo o objetivo geral de “democratizar as condições de permanência dos jovens na educação superior pública federal; minimizar os efeitos das desigualdades sociais e regionais na permanência e conclusão da educação superior; reduzir as taxas de retenção e evasão; e contribuir para a promoção da inclusão social pela educação” (Brasil, 2010a). Vale ressaltar que, como sinaliza Garrido e Mercuri (2013), há muita produção estrangeira sobre as residências universitárias, mas pouca produção nacional. Por outro lado, a psicologia ambiental e social parecem muito aplicáveis ao estudo das residências universitárias. A psicologia ambiental entende que há uma interrelação entre comportamento e ambiente físico, compreendendo essa relação como bidirecional, na qual tanto ambiente físico afeta comportamento, quanto comportamento afeta ambiente físico (Gifford, 2014; Steg, Berg, & Groot, 2013) e que o contexto social ativa ou restringe comportamentos (Biel & Thøgersen, 2007; Tajfel, 1982). De forma complementar, a psicologia social investiga sistematicamente a natureza e causas do comportamento social humano (DeLamater & Myers, 2011), para identificar as influências que as pessoas têm sobre as crenças, sentimentos e comportamentos dos outros.

Historicamente, as residências universitárias foram criadas como alojamentos coletivos dentro da universidade quando da construção das primeiras universidades europeias, o conceito base era de que a aprendizagem é baseada na convivência com o professor (Arnés & Sartori, 2005). No Brasil, a residência universitária tem um caráter de viabilização do acesso ao ensino superior aos alunos de baixa renda e ocorre em diferentes formatos (Santos, 2012). O programa de residências universitárias estudado difere da maioria das residências universitárias de universidades públicas do país, pois não possui alojamento próprio para os estudantes, os mesmos alugam suas residências – onde moram cerca de oito estudantes do mesmo sexo – e recebem uma determinada quantia para gerenciar o

pagamento do aluguel da moradia, da energia elétrica e de outros gastos ligados ao uso comum da residência (material de limpeza e alimentação).

Cada residência tem uma administração a cargo de uma Diretoria escolhida dentre os residentes daquela residência que deverá ser renovada anualmente e composta por um Coordenador, Secretário e Tesoureiro. Estes estudantes são selecionados para o programa seguindo os critérios: ter baixa renda familiar (90% do salário mínimo per capita); residir em cidades mais distantes da capital ou dos municípios em que estão sediados os campi da universidade; não ter vínculo empregatício ou remuneração igual ou superior a dois salários mínimos brutos; ser estudante calouro. Dessa forma, os alunos de baixa renda têm acesso à universidade até a conclusão do seu curso, isenção no restaurante universitário, com direito ao auxílio-alimentação (bolsa alimentação), isenções de taxas acadêmicas e apoio nos aspectos sócio-político-educativo-psicológico no ambiente universitário (Art. 3º, § 2º e Art. 7º, UFS, 2006).

Os produtos da investigação das residências universitárias são apresentados a seguir. São relatados dois estudos empíricos. O primeiro estudo teve como objetivo investigar variáveis individuais, sociais e do ambiente físico e o segundo estudo teve o objetivo de sistematizar os achados específicos em relação aos conflitos entre os residentes tendo como parâmetro o ambiente físico da residência.

## ESTUDO 1

Os estudos sobre moradias coletivas universitárias podem ser agrupados com base na ênfase em aspectos individuais, sociais, do ambiente físico e econômicos. De fato, qualquer ambiente físico se constitui pelas interações sociais que ali ocorrem, os grupos que o ocupam, numa dinâmica na qual as interações sociais influenciam o indivíduo bem como a relação com o ambiente físico e o ambiente físico media essas interações. Essa perspectiva é sustentada pela literatura que defende que tanto variáveis individuais, quanto sociais e do ambiente físico sejam levadas em consideração no estudo das residências universitárias (Lawless, 2012).

Os estudos que investigam o aspecto *individual* dos estudantes de moradias coletivas focam nos preditores do estresse, na qualidade da alimentação dos estudantes, nas implicações para o eu (*self*) da mobilidade residencial e no bem-estar (Dusselier et al., 2005; Hernando et al., 2013; Loeb, 2014; Marquis, 2005; Oishi, 2010). O aspecto *social* é investigado com base nos conceitos de conformidade social, ajustamento social e identidade social (Bliuc, Ellis,

Goodyear, & Hendres, 2011; Campbell, 1998; Enochs & Roland, 2006; Gregoricka, 2013; Oishi, 2010; Santos, 2012). Os estudos que focam o *ambiente físico* das moradias coletivas tratam dos conceitos de territorialidade e privacidade, apego ao lugar, identidade de lugar e senso de comunidade (Chow & Healey, 2008; Cicognani et al., 2010; Lawless, 2012; Paiva & Mendes, 2001; Vidal, Valera, & Però, 2010). Focam ainda, no grau de satisfação dos estudantes com os níveis do ambiente físico (quarto, andar e plumada) e o planejamento do ambiente físico para atender as necessidades dos estudantes (Amole, 2008; Ferraz, 2011). Finalmente, o aspecto *econômico* é tratado na literatura a partir da análise da viabilidade econômica do programa de residências universitárias e no estudo da oferta e demanda de imóveis para moradias coletivas universitárias (Li, Sheely, & Whalen, 2005; Mendonça, 2012).

Uma outra forma de investigar as moradias coletivas universitárias é, ao invés de focar em aspectos específicos ou em conceitos específicos, tentar entender de maneira geral o funcionamento das mesmas. Nessa perspectiva, três estudos se destacam na literatura. Shaikh and Deschamps (2006) investigaram por meio de entrevistas a percepção sobre a saúde, a vida dentro e fora das residências universitárias, a vida acadêmica, o conhecimento sobre o serviço de saúde para os estudantes e comportamentos de risco. Esse estudo propiciou um entendimento dos problemas que esses estudantes enfrentam e que podem estar tornando sua condição de vida estressante, comprometendo a saúde dos mesmos. Usando a mesma técnica, Silva et al. (2013) entrevistaram estudantes moradores em repúblicas universitárias, outra modalidade de moradia coletiva estudantil, mas sem o apoio institucional da universidade. Foram identificados três eixos categóricos no discurso dos estudantes: república universitária – família de coabitação; viver-con-viver – o relacionamento interpessoal; e papeis versus relações de poder. Essas categorias permitiram entender os principais temas que fazem parte do dia-a-dia de estudantes de moradias coletivas universitárias. O último estudo fez um levantamento da produção científica brasileira sobre as residências universitárias e encontrou três temas básicos: estudante morador, a moradia estudantil e as ações da assistência estudantil (Garrido & Mercuri, 2013). O artigo tem como principal contribuição a sistematização da literatura para apontar duas limitações: a escassez de estudos na literatura brasileira e a ausência de uma visão da residência universitária como um espaço de formação, o que implica em ter uma visão mais sistêmica e dinâmica dos processos que envolvem a mobilidade residencial para a aquisição de uma formação no ensino superior.

Nenhum dos estudos identificados na literatura combina os dois focos, investigação da dinâmica de funcionamento e uso de modelo teórico. Como forma de conciliar esses dois focos, seguiu-se a perspectiva da pesquisa-ação (Delabrida, 2011) que enfatiza a estruturação teórica da investigação. Sendo assim, este primeiro estudo foi elaborado tendo como fio condutor três aspectos teóricos: a identidade social, a apropriação do espaço e o dilema dos comuns.

A mobilidade residencial universitária implica em dois processos de mudança: de espaço e de papel social. Dessa forma, como esse estudante vai se apropriar do novo espaço residencial e como vai se identificar tanto como estudante universitário quanto como residente universitário estão implicadas no processo de desenvolvimento que envolve essa nova fase de vida (Bliuc et al., 2011; Chow & Healey, 2008; Cicognani et al., 2010; Santos, 2012; Vidal et al., 2010). Resumindo, essa fase pode ser caracterizada como uma fase de estabelecimento de pertencimentos: a um novo grupo e a um novo espaço. Esse novo espaço deverá ser gerenciado bem como as interações sociais que ali ocorrerem tornando esse processo dinâmico e complexo com aspectos individuais, sociais, do ambiente físico e econômicos, como a literatura apontou.

O primeiro aspecto teórico aplicado se refere a uma parte importante da constituição do indivíduo que é a pertença a grupo (s). O pertencimento aos grupos sociais é parte da identidade do indivíduo, a identidade social, que “é definida como parte do autoconceito do indivíduo o qual é derivado do seu conhecimento e do seu pertencimento a um grupo social, ou grupos sociais, conjuntamente com os valores e significado emocional desse pertencimento” (Tajfel, 1982, p. 24). Dessa forma, a teoria da identidade social foi utilizada como norteador da investigação da relação entre os residentes pelo fato de o quanto o indivíduo se sente pertencente a determinado grupo influenciará a visão que o mesmo tem de si mesmo, dos outros e de como será cumprido seu papel social (Deschamps & Moliner, 2009). A literatura aponta que a identificação social tem impactos na aprendizagem e nas negociações políticas dos residentes universitários (Bliuc et al., 2011; Santos, 2012). Além disso, quanto maior a identificação social, maior é o seguimento de regras (Biel & Thøgersen, 2007; Bliuc et al., 2011), um fator importante para a organização social.

O segundo aspecto teórico aplicado se refere à função que o lugar tem na estabilidade do eu (*self*) e na identidade e coesão grupal (Moranta & Urrútia, 2005). Os estudos que tratam da pertença a um lugar usam os conceitos de apego ao lugar, identidade

de lugar e senso de comunidade (Chow & Healey, 2008; Cicognani et al., 2010; Lawless, 2012; Vidal, Valera, & Peró, 2010). Esses processos transformam um espaço, sem implicações afetivas, cognitivas e sociais em lugar. Apesar da utilidade desses conceitos em descrever e explicar a relação com o espaço, há problemas conceituais, no que tange principalmente os conceitos de apego ao lugar e identidade de lugar, com sobreposição de aspectos do fenômeno estudado (Vidal et al., 2010). Sendo assim, escolheu-se como segundo aspecto da pertença o conceito de apropriação do espaço que é definido como a maneira em que uma pessoa ou grupo se reconhece e se identifica com o lugar onde vive (Pol, 2002). O autor propõe um modelo dual: ação-transformação e identificação simbólica. O primeiro se refere à ação-transformação para o qual o espaço é transformado, na busca de deixar uma marca e fazer daquele espaço parte da rede de espaços significativos. O segundo se refere à identificação simbólica, que pode ser tanto individual quanto social, em que os componentes afetivos, cognitivos e interativos estão em relação. Essa sistematização parece ser menos vulnerável à sobreposição conceitual (Moranta & Urrútia, 2005).

O terceiro aspecto se refere a um tópico que não foi abordado pela literatura a respeito de moradias coletivas universitárias, o conceito de dilema dos comuns (Biel & Thøgersen, 2007; Van Lange, Joireman, Parks, & Van Dijk, 2013; Wang, Szolnoki, & Perc, 2012). A pertença a um grupo e a um lugar implica em lidar com as demandas de ambos. Esse aspecto é subjacente à dinâmica das residências universitárias já que o gerenciamento das demandas dentro da residência universitária envolve o uso do espaço com seus itens de mobiliário e o uso dos insumos para uso coletivo (alimentação e produtos de limpeza). Dessa forma, pode haver conflito entre interesses individuais de curto-prazo com interesses coletivos de longo prazo. Esse tipo de conflito é conhecido como dilemas dos comuns (Van Lange et al., 2013) e parece ocorrer nas residências universitárias. A identificação desse tipo de dilema social auxilia na implementação de estratégias de cooperação e que pode favorecer na resolução do conflito (Wang et al., 2012).

Portanto, no presente estudo foi investigado a identificação dos residentes com o grupo e com a residência bem como a forma de gerenciamento da residência e dos conflitos com base na identidade social, na apropriação do espaço e no dilema dos comuns. Para isso, tentou-se responder as seguintes perguntas: os residentes universitários se identificam com o grupo? Há uma apropriação do espaço da residência? Há conflitos individuais com coletivos?

## MÉTODO

### Participantes

A pesquisa contou com a participação de 70 residentes, o que representou 31% dos estudantes atendidos pelo programa. Sendo 51,4% (n=36) do sexo feminino com média de idade de 18,8 (DP=7,87) anos. A amostra contou com estudantes de 10 residências diferentes, sendo 52,3% (n=34) da amostra calouros, estavam no primeiro ano da universidade.

### Instrumento

*Questionário:* foi construído um questionário com 30 questões abertas e fechadas abordando a identificação dos residentes com o grupo e com a residência bem como a forma de gerenciamento da residência e dos conflitos. As perguntas foram divididas com base no conceito teórico usado. Uma das perguntas sobre identidade social: “Como você define os residentes universitários?”; sobre apropriação do espaço: “a forma como você se apropria do espaço na residência é igual à forma como você se apropria quando está em casa?”; sobre dilemas dos comuns: “você percebe na residência onde mora, atitudes de residentes que, para satisfazer os próprios interesses, prejudicou todos da casa?” As questões incluíam também perguntas a respeito de dados demográficos.

### Procedimento

Foi estabelecida uma parceria com o órgão gestor do programa de residências da universidade. Os questionários foram entregues ao psicólogo do órgão que os deixou nas residências em suas visitas de acompanhamento, juntamente a uma *Carta-convite*, na qual havia a apresentação da pesquisa, o convite para participação, instruções para o preenchimento do questionário e onde ele deveria ser devolvido. No mesmo documento estava incluso o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

## RESULTADOS

Os resultados serão apresentados em função das perguntas de pesquisa e foram analisados apenas os itens do questionário que se referem diretamente a elas. Para respondê-las foram feitas categorizações das respostas às perguntas abertas, análises descritivas e não paramétricas, dada as características dos itens.

### *Os residentes universitários se identificam com o grupo?*

Uma das formas de se investigar o grau de pertencimento ao grupo é identificar o uso dos pronomes

personais EU, NÓS e ELES quando se fala do grupo (Deschamps & Moliner, 2009). Para isso questionou-se “como você define os residentes universitários?”. Nas respostas de 94% (n=65) dos participantes o pronome ELES foi utilizado. Os adjetivos positivos para caracterizar os residentes foram utilizados por 47% (n=33) dos respondentes, caracterizando como “na busca de um futuro melhor”. Enquanto que para 46,4% (n=32) dos participantes os residentes foram caracterizados a partir da sua fragilidade financeira, dificuldade na convivência e instabilidade emocional. As demais respostas foram categorizadas como neutras, se referindo apenas à condição de estudantes. Os quatro residentes que utilizaram os pronomes EU e NÓS também utilizaram adjetivos positivos para se caracterizar.

### *Há uma apropriação do espaço da residência?*

A maioria dos entrevistados, 65% (n=45), relatou não se apropriar da residência da mesma forma que se apropriam da casa dos pais, sendo que, os calouros se apropriam significativamente menos que os veteranos ( $\chi^2_{1,65}=3,389$ ;  $p=0,057$ ) e não há diferença estatisticamente significativa entre homens e mulheres ( $\chi^2_{1,70}=1,144$ ;  $p=0,206$ ). Quando perguntados sobre se o uso do termo residência ao invés de casa se os causou algum incômodo, 63 residentes (92,6%) disseram que não, apenas 5 residentes (7,4%) se incomodaram. Estes residentes que se incomodaram pertencem ao grupo de 23 residentes que não conseguem ver a residência como uma casa. Eles a associam à algo provisório com pessoas estranhas, enquanto que a casa, é um lugar familiar associado ao afeto. Já 12 residentes percebem os dois termos como sinônimos e 11 residentes relataram ser indiferente, simplesmente não incomoda (24 residentes não justificaram suas respostas).

### *Há conflitos individuais com coletivos?*

Foi perguntado de forma direta se “você percebe na residência onde mora, atitudes de residentes que, para satisfazer os próprios interesses, prejudicam todos da casa?”, 32,9% (n=23) dos respondentes afirmaram que sim. Os principais problemas são: não ajudar na organização da casa e não cumprir com as regras combinadas. A principal forma de gerenciamento dos conflitos é feita, para 45% (n=32) dos participantes, com base em reuniões ou em conversa apenas com os envolvidos (17,1%; n=12), o restante relatou que os conflitos não são resolvidos. Sendo que as maiores dificuldades são em relação às diferenças individuais para 43,1% (n=28) dos respondentes e a falta de colaboração no gerenciamento da residência para 27,7% (n=18).

## DISCUSSÃO

De acordo com os resultados, os participantes não se veem pertencendo ao grupo dos residentes universitários. Apenas quatro pessoas se incluíram na descrição. Esse dado corrobora com o que foi achado na literatura (Santos, 2012). O autor mostra que os residentes só utilizam os pronomes pessoais na primeira pessoa para se referir aos residentes universitários quando estão reivindicando algo que tem relação com sua condição de residente universitário. Essas reivindicações se relacionam ao que foi identificado como aspecto negativo no presente estudo, a fragilidade econômica.

As diferenças individuais, que são tidas como uma das maiores dificuldades na residência, também podem ser uma das consequências da baixa identificação com o grupo. As características positivas do endogrupo – grupo dos residentes universitários, não parecem suficientes para favorecer a identificação e o sentido de pertencimento por competir com características muito negativas, o que o desvaloriza em relação a exogrupos – outros grupos sociais, e ressalta as diferenças no endogrupo interferindo na identificação de afinidades. Supõe-se que essa identificação de afinidades poderia favorecer as interações interpessoais e o gerenciamento do conflito entre interesses individuais e coletivos. Uma saída possível seria desenvolver estratégias de valorização do programa de residência universitária, por parte do órgão gestor, para alterar essa polaridade, favorecendo o pertencimento ao grupo como algo desejável e valorizado socialmente, ao invés de ser residente universitário se relacione a uma necessidade, prioritariamente financeira, o que os coloca numa posição de fragilidade social. Essa valorização poderia ser feita oferecendo oportunidades de atividades esportivas e de lazer (Garrido & Mercuri, 2013). Provavelmente, teria impacto também no grau de apropriação do espaço da residência já que a identificação social aumenta o seguimento de regras (Biel & Thøgersen, 2007; Bluc et al., 2011) o que poderia favorecer o uso coletivo da residência e diminuir os conflitos.

Tuan (1983) ao diferenciar espaço de lugar, define espaço como movimento e lugar como pausa no movimento. Neste estudo os estudantes associaram o termo residência a algo provisório, enquanto que casa, ao lar, algo definitivo, no sentido de posse. Esse resultado parece ter duas implicações: mostra o momento de mudança que esses estudantes vivem, uma fase de desenvolvimento que tem uma duração específica, paramentada com a duração do curso superior. Por outro lado, mostra que as condições socioambientais da residência não favorecem a sua

apropriação, esse espaço não é visto como um lugar. Junta-se a esse dado o fato de que a maioria dos residentes relatou não se apropriar da residência. O fato dos calouros se apropriarem menos que os veteranos pode estar relacionado ao que propõe a literatura de que a apropriação exige um processo de ação-transformação (Pol, 2002), o que pode levar um certo tempo para ocorrer. Além disso, a literatura mostra que o suporte dado aos calouros tem influência no seu processo de adaptação a sua nova vida (Enochs & Roland, 2006), o que não ocorria no momento da coleta de dados.

Os resultados mostraram que há pouco conflito entre os interesses individuais e coletivos, mas há uma certa dificuldade em lidar com o dilema dos comuns no que tange, principalmente, em relação às tarefas da casa e ao cumprimento de regras. A literatura sugere que grupos menores têm mais chances de lidar melhor com o dilema dos comuns que a sociedade como um todo. A saída seria estabelecer regras dentro da residência que apontem para situações circunscritas, permitindo que todos monitorem uns aos outros, punindo os aproveitadores e recompensando os cooperadores (Van Lange et al., 2013). Essa tarefa, dada a sua importância e ao desgaste que está implícito quando se regula ações dentro de um grupo, poderia ser dividida entre os residentes e o órgão gestor do programa, que poderia funcionar como uma instância mais neutra para recompensar e punir ações dos residentes universitários.

Os dados desse primeiro estudo deram origem ao segundo estudo. No questionário aplicado havia uma questão aberta chamada “Comentários”. As respostas tiveram duas tônicas: a queixa a respeito dos conflitos interpessoais e a queixa a respeito do programa de residências universitárias. Dessa forma, o Estudo 2 deu continuidade à investigação dos conflitos entre os residentes universitários, o que poderia auxiliar o programa de residências universitárias na gestão dos conflitos.

## ESTUDO 2

Como descrito anteriormente, a literatura relata que as condições de vida na residência têm impactos na saúde dos residentes universitários, relacionados ao estresse, depressão, fadiga, insônia e a forma de alimentação, a necessidade de privacidade e, no que tange também, a esse ambiente como restaurador, de desenvolvimento social e oportunidade de desenvolvimento de liderança (Campbell, 1998; Enoch & Roland, 2006; Ferraz, 2011; Garrido & Mercuri, 2013; Li et al., 2005; Paiva & Mendes, 2001; Shaikh & Deschamps, 2006). Isso se reflete nos dados mostrando que se os estudantes pudessem escolher, prefeririam morar em apartamentos individuais (Li et al., 2005).

Em parte, deve-se ao incômodo com o barulho, a necessidade de privacidade, a qualidade da iluminação que são elementos importantes associados ao relacionamento interpessoal e à satisfação com moradia coletiva (Campbell, 1998; Ferraz, 2011; Li et al., 2005; Paiva & Mendes, 2001; Silva et al., 2013). Todos esses aspectos parecem se referir, de maneira geral, a como o uso da moradia pelo grupo pode ter impactos individuais, principalmente no que tange a privacidade. Os dados do Estudo 1 parecem também apontar nessa direção, já que o não cumprimento de regras e o mal gerenciamento da casa afeta a todos individualmente no uso do espaço que é compartilhado coletivamente aumentando o desconforto com a convivência na moradia.

A privacidade é o conceito central na dinâmica regulação do acesso a si por meio do ambiente físico (Aragonés & Américo, 2010). É um mecanismo no processo de estabelecimento da regulação das interações interpessoais e grupais que possui íntima relação com três outros conceitos: a territorialidade, que é o espaço físico compartilhado por grupos, o espaço pessoal, que é o espaço físico necessário para as interações sociais e o apinhamento, que é a proporção da quantidade de pessoas por espaço. Por meio da utilização desses mecanismos e de outros, tanto verbais quanto não-verbais, o ambiente físico funciona como regulador do relacionamento interpessoal e da privacidade.

Neste estudo, tentou-se entender a ocorrência de conflitos entre os residentes entendendo o espaço físico da residência como um território, regulador das interações sociais. Segundo Pinheiro e Elali (2011) “a dimensão espacial apresenta importância fundamental para a compreensão do comportamento humano” (p.145). Os autores consideram os seres humanos como seres espaciais. O espaço físico pode, portanto, funcionar como um parâmetro para investigar variáveis individuais e sociais.

Nessa direção, uma das formas de se entender a relação com o espaço físico é por meio da cognição ambiental, que é a capacidade de se representar o espaço físico cognitivamente, ou segundo Lynch (2010), é a capacidade de imaginar o espaço físico. Um conceito importante dentro do tema é o conceito de mapa cognitivo que seria uma representação física de como o indivíduo imagina o espaço físico. O estudo mais famoso utilizando mapas cognitivos é de Lynch (2010) e ele investigou a representação imagética de três cidades americanas. Segundo Rheingantz et al. (2008) o “mapa mental ou cognitivo é um instrumento baseado na elaboração de desenhos ou relatos de memória representativas das ideias ou da imageabilidade que uma pessoa ou um grupo de

pessoas têm de um determinado ambiente” (p.56). Nessa técnica para se ter acesso as representações se pede para o participante fazer um desenho do ambiente físico a ser representado, como se fosse um mapa, ou seja, uma representação em duas dimensões de algo que possui três dimensões (Aragonés, 2010).

Sendo assim, o objetivo deste estudo foi identificar os espaços onde ocorrem conflitos interpessoais nas residências universitárias por meio de uma adaptação da técnica do mapa cognitivo transformada em mapa do conflito.

## MÉTODOS

### Participantes

Participaram desta pesquisa 60 residentes universitários, sendo 57,4% (n=35) homens com média de idade 21,8 (dp=3,16) anos, moradores de 15 residências diferentes, sendo 45% (n=28) de veteranos.

### Instrumento

*Planta-baixa*: foi utilizada uma planta baixa de uma casa imaginária com dois quartos, dois banheiros, sala, copa, lavadeira e terraço.

*Mapa do conflito*: planta baixa da residência universitária construída pelo próprio residente.

### Material

Papel, lápis e borracha.

### Local

A coleta de dados foi feita na própria residência. As residências possuem, em média, quase 8 residentes (m=7,76; dp=0,43) por moradia, tendo média de 3,46 (dp=0,66) quartos o que equivale a uma média de 2,43 (dp=0,49) estudantes por quarto.

### Procedimento

Por meio do órgão gestor do programa de residências universitárias foram enviadas às residências a *Carta de Apresentação* da pesquisa. As casas que concordaram receberam a visita de dois pesquisadores. Ao chegar, os pesquisadores se apresentavam e entregavam o *TCLE* (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido). Assim que todos lessem e assinassem, dirimindo qualquer eventual dúvida, se iniciava o processo de criação do Mapa do conflito em oito etapas. Primeiro, era mostrado a todos os participantes uma folha de papel A4 com a Planta-baixa da casa imaginária e era pedido que prestassem atenção. Em seguida, era entregue uma folha A4 para cada um dos residentes presentes e era pedido que da mesma forma como estava no modelo que eles desenhasssem a planta-baixa da residência onde

moram, colocando o nome de cada cômodo. Terminada essa tarefa, era pedido que eles marcassem um X nos cômodos onde ocorrem mais conflitos interpessoais e um círculo nos cômodos onde ocorrem mais momentos agradáveis. Então, era pedido que hierarquizassem os cômodos em termos da gradação de desconforto e agradabilidade em relação aos conflitos e momentos agradáveis. Depois era pedido que estabelecessem uma relação entre os momentos agradáveis e os momentos de conflito tentando estabelecer uma relação temporal, traçando setas. No verso da folha era pedido que escrevessem o que poderia diminuir os conflitos e o que poderia estragar os momentos agradáveis. Finalmente, era pedido que fizessem um triângulo para sinalizar os cômodos onde ocorrem barulhos que os incomodam.

## RESULTADOS

A análise descritiva dos dados mostrou que a cozinha foi citada por 94,4% dos participantes como o local com mais momentos de conflito, seguida pela sala citada por 64% e o banheiro citado por 27,8% dos residentes. A sala e o quarto são os locais para momentos agradáveis citados 82% e 75,4% pelos residentes.

Os principais motivos de conflitos são o não cumprimento das tarefas relacionadas com a limpeza, citada por 61,8% dos residentes e a desorganização com 43,6%. Já os momentos agradáveis são promovidos pela interação com conversas e descontração, citados por todos os residentes, e fazer refeições em conjunto citado por 35% dos residentes. Os locais relatados com mais ruído foram a sala (93,2%) e a cozinha (36,4%). Os principais motivos foram o volume alto da TV (63,9%) e som (36,1%) bem como conversas sendo citadas por 47,2% dos participantes.

## DISCUSSÃO

As residências universitárias transitam entre um território primário, mais próximo do privado, por ser a moradia dos estudantes, e um território secundário, mais próximo do público, por essa moradia ser compartilhada por outras pessoas que não pertencem à família nuclear com grande densidade por residência e por quarto. A consequência dessa duplicidade de funções e da quantidade de pessoas observadas no estudo é refletida no grau de privacidade obtido, levando em consideração que quanto menos primário for o território, menos privacidade ele garante.

Os dados mostram que os estudantes se dividem em quase três por quarto, com quase oito pessoas por moradia. Esse apinhamento torna a residência

um ambiente quase que público. As observações informais feitas durante a coleta de dados sugerem que as moradias não tenham mais que 60 m<sup>2</sup>. Um ambiente pequeno e super lotado promove que as atividades de uns podem incomodar aos outros simplesmente pelo fato do ambiente não permitir que elas ocorram concomitantemente sem que uma interfira na outra, dessa forma, favorecendo o conflito entre os estudantes. Claramente há uma disputa de território. Os dados mostram que em todos os compartimentos da casa são realizadas atividades que desfavorecem a privacidade. O que pode desfavorecer a coesão grupal e dificultar o cumprimento das tarefas.

Ferraz (2011) é enfática ao afirmar a importância do ambiente físico para os residentes universitários. Uma saída para gerenciar o uso do espaço físico nas condições apresentadas poderia ser ter normas para estabelecer horários que deem prioridade para a atividade fim da residência, que é o estudo e a aquisição de um diploma do ensino superior. A sala parece ser o ambiente estratégico da residência onde há momentos agradáveis ao mesmo tempo em que é palco de conflitos. As conversas, da mesma forma, promovem o lazer entre os estudantes, mas podem ser fonte de conflitos. A convivência na residência poderia ser melhorada caso pudesse haver uma regulamentação do seu uso para garantir os momentos agradáveis e minimizar os conflitos. Não há dados na literatura especificamente sobre esse contexto, mas os estudos com base no dilema dos comuns sugerem que o estabelecimento de regras pelo próprio grupo pode regular melhor o uso dos bens comuns, favorecendo a convivência (Van Lange et al., 2013).

Por fim, é preciso que haja uma preparação desses estudantes para a vida de residentes universitários. A preocupação com questões práticas parecem competir e desfavorecer medidas que tenham foco em ações de capacitação. Yan, Erin, Mack e Donald (2005) relatam um programa para residentes universitários com resultados favoráveis à adaptação a essa nova fase de vida. Talvez se possa aplicar aqui o mesmo modelo.

## CONCLUSÃO

As residências universitárias são parte do palco de um ritual importante para todas as sociedades: cursar uma universidade. A entrada no ensino superior pode alterar trajetórias e promover uma sociedade mais justa e viável. O desenvolvimento de um país pode ser medido pelo grau de escolaridade de seus habitantes. Sendo assim, o estudo e intervenção nas residências universitárias devem estar na agenda de pesquisa de diferentes áreas do conhecimento. O



presente trabalho oferece aporte teórico e empírico da perspectiva da psicologia social e psicologia ambiental que podem auxiliar no entendimento da dinâmica de funcionamento das residências universitárias.

O apoio do Estado via programas de auxílio parece ser fundamental importância. A literatura aponta que sem a intervenção do Estado um programa de residências universitárias não teria viabilidade econômica (Mendonça, 2012). Por outro lado, a condição desse estudante de fragilidade financeira não deve se refletir em uma fragilidade do programa em atender suas necessidades e propiciar aquele que é o objetivo final, concluir um curso de graduação. Para isso, esses programas devem ser avaliados, como está estabelecido na legislação (Brasil, 2010a).

Ao longo do texto foram dadas sugestões de possíveis intervenções para melhoria das condições de vida desses estudantes e aumento da sua qualidade. Há uma intervenção que não foi contemplada a partir dos dados empíricos, mas que deve ser citada pela importância dada pela literatura. Shaikh e Deschamps (2006) são enfáticos ao afirmar a necessidade de um sistema de tutoria, sugerindo que pudesse ser feito por outro residente. Enochs e Roland (2006) descrevem um modelo de residências assistidas onde os residentes calouros são alocados em prédios separados específicos. Nesses prédios residenciais eles recebem atenção especial que envolve atividades comunitárias, programa de monitoria e conhecimento do ambiente físico. O estudo comparou o efeito desse programa em mulheres e homens. De maneira geral, os homens se adaptam melhor que as mulheres às situações de residências coletivas. No entanto, quando os estudantes são inseridos no programa de residências assistidas, não se observa essa diferença de gênero. Esse parece ser um dado contundente para mostrar que há possibilidades de intervenções bem-sucedidas.

Os aportes teóricos utilizados parecem contribuir para um melhor entendimento da dinâmica de funcionamento das residências universitárias. Os dados sugerem que poderia ser frutífero o estabelecimento de uma relação teórica entre a teoria da identidade social e o conceito de apropriação do espaço. Ambos os aportes teóricos tratam de pertencimento e tem seus conceitos estruturados a partir do conceito de grupo. O aspecto chave parece ser o cumprimento de regras que viabiliza o uso do espaço em um contexto de apinhamento e parece ser viabilizado pela identificação com o grupo.

O grau de apinhamento nas residências universitárias tem relação com a forma como é administrado o programa de residências universitárias e da oferta de imóveis em cada meio urbano. O valor da bolsa oferecida pelo programa é o balizador das escolhas

do bairro e do imóvel a ser alugado pelos residentes universitários. Por outro lado, essa escolha é mediada pela oferta de imóveis daquela cidade. A literatura mostra que o fato de morar perto ou longe da universidade tem implicações no engajamento com o ambiente acadêmico, evasão do ensino superior, notas, satisfação com a vida acadêmica, interação social, envolvimento com os pares, universidade e comunidade (Li et al., 2005). Esses aspectos parecem dar a dimensão da complexidade do fenômeno e a necessidade, como já explicitado, de uma agenda de pesquisa que contemplem o máximo de aspectos.

Podemos finalizar perguntando: será que um dia ofereceremos espaços de moradia aos estudantes aos quais eles poderão denominar de casa? A importância dessa pergunta se refere ao que, segundo Sommer (1973) é a questão em discussão: a preocupação não deve recair sobre como devemos planejar os ambientes e os demais aspectos, mas em que tipo de indivíduo pretendemos construir. O estudante universitário, que é residente universitário, deve ser visto como um sujeito em formação e suas atividades extra-classes são tão importantes como suas atividades em classe (Garrido & Mercuri, 2013).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A principal contribuição do presente trabalho se refere aos aspectos teóricos e de método. Nenhum estudo encontrado na literatura sobre as residências universitárias teve a preocupação em estruturar teoricamente o fenômeno, o que permite um entendimento mais dinâmico. O uso de conceitos teóricos com foco no ambiente físico e com foco no ambiente social parece ser uma saída. Empiricamente, foi desenvolvido o mapa dos conflitos, uma adaptação a partir do conceito de mapa cognitivo para se relacionar os conflitos interpessoais com os espaços da residência. Esse método é de fácil explicação e pode ser usado sempre que se quiser associar sentimentos e ações a espaços específicos de um ambiente.

O modelo proposto por Pol (2002) é muito adequado ao estudo da mobilidade residencial. Sugere-se para estudos futuros investigar melhor a relação entre a identidade social e a apropriação do espaço da perspectiva do grau de pertencimento que os indivíduos experenciam ao grupo social e ao ambiente físico como variáveis distintas que podem ser inseridas no modelo.

A principal limitação do presente trabalho se refere às análises de dados que se baseiam exclusivamente em dados descritivos e não paramétricos o que deixa a discussão no nível da descrição e da explicação, sem

alcançar um nível preditivo. Isso se deve à forma como o instrumento de coleta de dados foi construído. No entanto, os dados dos Estudos 1 e 2 devem ser usados como base para pesquisas com um delineamento mais preditivo. Para isso, deve-se incluir diferentes níveis de análise e medidas individuais, sociais e do ambiente físico.

## REFERÊNCIAS

- Amole, D. (2008). Residential Satisfaction and Levels of Environment in Students' Residences. *Environment and Behavior*, 41(6), 866-879. doi: 10.1177/0013916508322175
- Aragónés, J. I. (2010). Cognición ambiental. In J. I. Aragónés & M. Américo (Eds.). *Psicología Ambiental* (pp. 43-57). Madrid: Ediciones Pirámide.
- Aragónés, J. I. & Américo, M. (2010). *Psicología Ambiental*. Madrid: Ediciones Pirámide.
- Arnés, T. & Sartori, A. (2005). *Residencia Universitaria en Isla Teja Valdivia*. (Memoria proyecto de título), Universidad de Chile, Escuela de Arquitectura. Retrieved from: 03/04/2012, [http://www.tesis.uchile.cl/tesis/uchile/2005/arnes\\_t/sources/arnes\\_t.pdf](http://www.tesis.uchile.cl/tesis/uchile/2005/arnes_t/sources/arnes_t.pdf)
- Biel, A. & Thøgersen, J. (2007). Activation of social norms in social dilemmas: A review of the evidence and reflections on the implications for environmental behaviour. *Journal of Economic Psychology*, 28, 93-112. doi: 10.1016/j.joep.2006.03.003
- Bliuc, A.-M., Ellis, R. A., Goodyear, P., & Hendres, D. M. (2011). Understanding student learning in context: relationships between university students' social identity, approaches to learning, and academic performance. *European Journal of Psychology of Education*, 26(3), 417-433. doi: 10.1007/s10212-011-0065-6
- Brasil, G. F. (2010a). *Decreto nº 7.234*, de 19 de julho. Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil – PNAES. Brasília: Presidência da República. Retrieved from: 19/05/2014, [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/decreto/d7234.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7234.htm).
- Brasil, G. F. (2010b). *Portaria Normativa nº 2*, de 26 de janeiro de 2010. Brasília: Gabinete do Ministério Retrieved from: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_download&gid=2704&Itemid=](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=2704&Itemid=).
- Campbell, M. H. (1998). *The impact of residential environment on psychological adjustment of college students*. (Doctor of Philosophy), University of Florida, Gainesville.
- Chow, K. & Healey, M. (2008). Place attachment and place identity: First-year undergraduates making the transition from home to university. *Journal of Environmental Psychology*, 28(4), 362-372. doi: 10.1016/j.jenvp.2008.02.011
- Cicognani, E., Menezes, I., & Nata, G. (2010). University Students' Sense of Belonging to the Home Town: The Role of Residential Mobility. *Social Indicators Research*, 104(1), 334-345. doi: 10.1007/s11205-010-9716-2
- Dawes, R. M. & Messick, D. M. (2000). Social Dilemmas. *International journal of psychology*, 35(2), 111-116. doi: 10.1080/002075900399402
- Delabrida, Z. N. C. (2011). Pesquisa-ação (action research). In S. Cavalcante & G. A. Elali (Eds.). *Temas Básicos em Psicologia Ambiental* (pp. 281-289). Rio de Janeiro: Vozes.
- DeLamater, J. D. & Myers, D. J. (2011). *Social Psychology* (7ª ed.). Wadsworth: Cengage Learning.
- Deschamps, J. C. & Moliner, P. (2009). *A Identidade em Psicologia Social* (L. M. E. Orth., Trans.). Petrópolis: Vozes.
- Dusselier, L., Dunn, B., Wang, Y., Shelley, M. C., & Whalen, D. F. (2005). Personal, health, academic, and environmental predictors of stress for residence hall students. *Journal of American college health*, 54(1), 15-24. doi: 10.3200/JACH.54.1.15-24
- Enochs, W., & Roland, C. (2006). Social Adjustment of College Freshmen: the Importance of Gender and Living Environment. *College Student Journal*, 40(1), 11.
- Ferraz, N. O. (2011). *Desenvolvimento pessoal e social e a influência da envolvente física*. (Mestrado), Universidade de Aveiro, Aveiro. Retrieved from: 19/04/2013, <http://ria.ua.pt/handle/10773/7984>
- Garrido, E. N. & Mercuri, E. N. G. S. (2013). A moradia estudantil universitária como tema na produção científica nacional. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 17(1), 87-95.
- Gifford, R. (2014). Environmental psychology matters. *Annual review of psychology*, 65, 541-579. doi: 10.1146/annurev-psych-010213-115048
- Gregoricka, L. A. (2013). Residential mobility and social identity in the periphery: strontium isotope analysis of archaeological tooth enamel from southeastern Arabia. *Journal of Archaeological Science*, 40(1), 452-464. doi: 10.1016/j.jas.2012.07.017
- Hernando, Á., Nunes, C., Cruz Torres, C., Lemos, I., & Valadas, S. (2013). A comparative study on the health and well-being of adolescent immigrants in Spain and Portugal. *Saúde e Sociedade*, 22(2), 342-350. doi: 10.1590/S0104-12902013000200007
- Lawless, J. W. (2012). *Moving Home to College: Socio-Physical Factors in Creating 'Home' in Temporary Environments*. (Doctor of Philosophy), University of Kansas, Lawrence.
- Li, Y., Sheely, M., & Whalen, D. (2005). Contributors to residence hall student retention: Why do students choose to leave or stay. *Journal of College and University Student Housing*, 33(2), 28-36.
- Loeb, S. (2014). *Assessing the needs of lesbian, gay, and bisexual students living in the residence halls at an urban institution*. (Master of Science in Counseling, College Counseling and Student Services), California State University, Northridge. Retrieved from: 04/07/2014, <http://scholarworks.calstate.edu/handle/10211.2/5017>
- Lynch, K. (2010). *A imagem da cidade*. (J. L. Camargo, Trans.). São Paulo: Livraria Martins Fontes.
- Marquis, M. (2005). Exploring convenience orientation as a food motivation for college students living in residence halls. *International Journal of Consumer Studies*, 29(1), 55-63. doi: 10.1111/j.1470-6431.2005.00375.x
- Mendonça, A. R. G. (2012). *Estudo da viabilidade econômico-financeira de uma residência de estudantes para o ISEG*. Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa. Retrieved from: 02/02/2013, <http://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/4951>
- Moranta, T. V. & Urrútia, E. P. (2005). La apropiación del espacio: una propuesta teórica para comprender la vinculación entre las personas y los lugares. *Anuario de Psicología*, 36(3), 281-297.
- Oishi, S. (2010). The Psychology of Residential Mobility: Implications for the Self, Social Relationships, and Well-Being. *Perspectives on Psychological Science*, 5(1), 521. doi: 10.1177/1745691609356781
- Paiva, D. S. & Mendes, G. R. (2001). "Onde se pode ficar nu" – Territorialidade e Privacidade na Casa do Estudante Universitário da UnB. [22/04/2013, <http://www.psi-ambiental.net/pdf/2001FicarNu.pdf>]. *Textos de Alunos de Psicologia Ambiental*, 7, 1-6.
- Pinheiro, J. Q. & Elali, G. A. (2011). Comportamento socioespacial humano. In S. Cavalcante & G. A. Elali (Eds.). *Temas Básicos em Psicologia Ambiental* (pp. 144-158). Rio de Janeiro: Vozes.

- Pol, E. (2002). El modelo dual de la apropiación del espacio. In R. G. Mira, J. M. Sabuceno & J. Romay (Eds.). *Psicología y Medio Ambiente. Aspectos psicosociales, educativos y metodológicos* (pp. 123-132). A Coruña: Asociación Galega de Estudios e Investigación Psicosocial.
- Rheingantz, P. A., Azevedo, G. A., Brasileiro, A., Alcantara, D., & Queiroz, M. (2008). *Observando a qualidade do lugar: procedimentos para a Avaliação Pós-Ocupação*. Rio de Janeiro: FAPERJ/PROARQ-UFRJ.
- Santos, G. F. M. (2012). *Residentes universitários da ufs: Dinâmicas identitárias, estereótipos e ambivalência*. (Mestrado), Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão. Retrieved from: 22/04/2013, <http://gruponsepr.files.wordpress.com/2013/08/dissertac3a7c3a3o-guilherme-fernandes-melo-dos-santos.pdf>
- Shaikh, B. T. & Deschamps, J. P. (2006). Life in a university residence: Issues, concerns and responses. *Education for Health: Change in Learning & Practice*, 19(1), 43-51. doi: 10.1080/13576280500534628
- Silva, L. W. S., Nunes, E. C. D. A., Teixeira, E. R., Martins, L. A., Silva, E. M. S., & Nóbrega, S. S. (2013). A arte do viver no contexto das repúblicas universitárias. *Revista de Enfermagem UFPE*, 7(2), 518-526. doi: 10.5205/reuol.3073-24791-1-LE.0702201326
- Sommer, R. (1973). *Espaço Pessoal: as bases comportamentais de projetos e planejamentos*. (D. M. Leite, Trans.). São Paulo: E.P.U.
- Steg, L., Berg, A. V. D., & Groot, J. D. (2013). *Environmental psychology: An introduction*. UK: British Psychological Society and John Wiley & Sons.
- Tajfel, H. (1982). Social psychology of intergroup relations. *Annual Review of Psychology*, 33(1), 1-39.
- Tuan, Y. F. (1983). *Espaço e lugar: A perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel.
- UFS. (2006). *Resolução nº 25/2006/CONSU*. Dispõe sobre a normatização e funcionamento do Programa Residência Universitária. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe
- Van Lange, P. A. M., Joireman, J., Parks, C. D., & Van Dijk, E. (2013). The psychology of social dilemmas: A review. *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, 120(2), 125-141. doi: 10.1016/j.obhdp.2012.11.003
- Vidal, T., Valera, S., & Però, M. (2010). Place attachment, place identity and residential mobility in undergraduate students. *Psychology*, 1(3), 353-369. doi: 10.1174/217119710792774799
- Wang, Z., Szolnoki, A., & Perc, M. (2012). If players are sparse social dilemmas are too: Importance of percolation for evolution of cooperation. *arXiv*, 2, 369. doi: 10.1038/srep00369
- Yan, L., Erin, M., Mack, C. S., & Donald, F. W. (2005). Contributors to Student Satisfaction With Special Program (Fresh Start) Residence Halls. *Journal of College Student Development*. doi: 10.1353/csd.2005.0011

**Autores:**

Zenith Nara Costa Delabrida – Doutora, Universidade Federal de Sergipe.

**Endereço de correspondência:**

Zenith Nara Costa Delabrida  
Rua Delmiro Gouveia, 71  
Residencial Maria Fernandes, apto 303 – Coroa do Meio  
CEP 49035-810 Aracaju, SE, Brasil

Recebido em: 20.05.2014

Aceito em: 11.08.2014